

CONVERSA ENTRE FANTASMAS
(Brito Broca e os Americanos)

DAVI ARRIGUCCI JR.
Universidade de São Paulo

Dentre as manias que teve Alexandre Eulalio, uma - das mais persistentes - foi sem dúvida a de gostar de Brito Broca. Penso no sorriso entre satisfeito e irônico com que nos contemplaria aqui, seus companheiros de muitos anos, todos reunidos só para discutir, das mais variadas perspectivas, esse seu gosto único, tantas vezes repetido e até em sonho evocado.

A última lembrança escrita que nos deixou do autor da *Vida literária no Brasil - 1900* foi a imagem segura e calma do amigo e mestre, já morto, caminhando por um corredor de sonho. As estantes formavam uma geografia transtornada, mas o espaço era o da redação da *Revista do Livro*, num andar "meio misterioso" da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde conviveram largamente. O sonho, labirinto um pouco à maneira de Borges, trazia de novo à vida o leitor contumaz em seu mundo preferido: a biblioteca.¹ Com o tempo e a distância, a imagem evanescente convém hoje ao próprio Alexandre. E espelha agora os dois amigos caminhando, ainda uma vez pela mão de Borges, no espaço comum do leitor brasileiro diante dos americanos, de que, basicamente, devo tratar aqui.

Brito Broca terá sido dos primeiros escritores brasileiros, depois de Mário de Andrade e de Manuel Bandeira, a demonstrar conhecimento de Borges. Em parte, talvez, movido pelo próprio Alexandre, a quem ele se refere quando cita o argentino: "escritor originalíssimo e de grande mérito". Suas palavras se justificavam pela repercussão que, no final da década de 40, estaria provocando o boato da morte do escritor, divulgado por periódicos franceses como *Les nouvelles littéraires*, *Figaro littéraire e Arts*. Como diz expressamente Brito, eram pouquíssimos, "dois ou três extravagantes", os que entre nós sabiam do autor da *História universal de la infamia*, e, entre eles, decerto Alexandre Eulalio, que de fato gostava de andar fora do lugar e já estava "apaixonado pelo requinte e o humor poético" do vizinho argentino.

Essas referências a Borges - entrecruzadas, oníricas e algo fantasmiais - dão bem a medida do tema de que vou tratar: as relações entre nossa literatura e nossos vizinhos próximos e distantes, as relações literárias "panamericanas", conforme a rubrica jornalística sob a qual se inscreveram muitos dos artigos de Brito Broca. E dão também a medida de nossa dependência cultural à mediação européia (e logo também norte-americana), aos centros difusores de cultura para brasileiros, argentinos e demais vizinhos. É ela que torna fantasmagórico todo o nosso esforço político-cultural de real conhecimento mútuo. Vou comentar ligeiramente essa conversa entre fantasmas, não nos corredores de uma galeria como numa anedota célebre posta em circulação por Borges², mas numa biblioteca, tal qual ficou registra-

da pela pena de um observador atento como foi esse nosso leitor dos americanos. Antes, porém, convém dar um perfil de seu modo de ser enquanto leitor crítico, também um tanto excêntrico para o gosto de nossos dias.

A releitura de Brito Broca nos obriga a considerar o que está aparentemente fora de moda: um cronista da vida literária que, com senso histórico, descrição de estilo e serenidade de juízo, se dedicou a nos dar o retrato de autores de que eventualmente podemos gostar e de outros menores, até os completa e devidamente esquecidos, mas todos claramente situados, com a informação precisa de que se pudesse dispor na ocasião, no devido panorama de época e postos em relação com seus pares e diferenças no quadro da tradição literária. O que nele falta, de forma ostensiva, são exigências inevitáveis do presente, no que diz respeito às tendências críticas dominantes e aos requisitos da pesquisa universitária: quase nenhuma análise formal efetiva das obras comentadas; pouca abertura pessoal para as novidades do momento; total desapego a questões do método crítico; nenhum aparato de scholar na apresentação da erudição; nenhuma preocupação com a teoria ou com problemas concretos que possam ter sido suscitados pela leitura ou pela situação e comparação dos textos e dos autores.

A leitura de Brito Broca parece mais indiciar problemas históricos das relações literárias, do perfil e da situação de obras e de autores, do que demonstrar consciência crítica desses problemas. O cronista se move mais pelo registro sensível do fato literário e pela distinção da qualidade nos termos mais ou menos estabelecidos por certa tradição, cuja circulação entre nós está preocupado em veicular, do que pelo esforço compreensivo e pelos riscos do reconhecimento crítico do novo. Nele, como numa biblioteca imaginária, a leitura vai se acumulando e sedimentando em camadas geológicas, cujas amostras classificadas dispõem ao olhar de outro curioso leitor pelo que vai ocorrendo no panorama literário nacional ou internacional do momento.

Em nenhum instante lhe falta entusiasmo pelo que descreve e nunca se exime de escolher e marcar preferências, retificando sempre que necessário os equívocos da recepção no Brasil, mas tudo nele é sóbrio e contido, como se esse paulista de Guaratinguetá se casasse bem, pelo espírito, à desconfiança de regra dos mineiros, e com isto se entende um dos lados da admiração de Alexandre Eulálio, que até em sonho ainda a reafirma. A paixão de Brito Broca pela literatura, a cujo comentário dedicou praticamente a vida toda, é uma espécie de força calma, que só se mostra domada naquela prosa seca e modesta com que acompanhava atentamente as cenas da vida literária dentro e fora do país, indo do registro miúdo das circunstâncias ao enlace destas com os movimentos maiores do espírito dos criadores. Como bem observou Alexandre, a erudição de autodidata de Brito Broca, batizada pelo controle da auto-ironia, se movia da realidade da "petite histoire" em torno das obras ao "vôo livre da criação", que sabia admirar em seu verdadeiro alcance e que, para ele, acabava por se irradiar às miudezas da existência dos criadores como uma parte viva deles, alimentada pelo sopro do mesmo espírito.

A modalidade de seu olhar de cronista, que perseguia o processo de sucessão das épocas e dos autores, soube assim aliar a atenção do microscopista que fixava os detalhes dos rastros de toda passagem iluminadora com lente de aumento. Ou, como notou ainda Alexandre, os movimentos similares aos do botânico, que ao mesmo tempo distingue e classifica os produtos que vai colhendo em suas andanças pelo campo: e com certeza, espírito inquieto e visão atilada são qualidades que revela a cada passo. Brito Broca foi de fato um viajante; os espaços percorridos eram os países imaginários da literatura. E suas viagens duraram anos a fio. Como quem viaja, tem sempre histórias para contar.

Que interesse pode ter para nós, hoje, esse olhar excêntrico, que se comprazia em seguir e fixar os movimentos da literatura no tempo, arquivando-os nessa biblioteca imaginária que nos legou?

Nas duas séries dos **Americanos** que nos deixou, nas quais predomina o trato com autores hispano-americanos, ao lado de uns poucos norte-americanos (Whitman, Mark Twain e muitos outros apenas mencionados de passagem), é possível observar que direções pode assumir, para nós atualmente, a sua contribuição de leitor onívoro, espalhada também em outras séries semelhantes, como as de literatura francesa, e nos volumes sobre grandes escritores ou sobre a tradição brasileira. Penso, em primeiro lugar, que os vários estratos de sua leitura, de arco tão amplo, indiciam o processo de formação de uma mentalidade num determinado momento histórico e, através dela, a experiência histórica mais geral do seu tempo, em seu movimento de assimilação do passado e do presente da tradição interna do país e ainda, a uma só vez, de abertura para o que vem de fora, de outras tradições. Digamos que, antes de mais nada, a biblioteca imaginária de Brito Broca, constituída lentamente ao longo de décadas, espelha um processo cuja reconstrução serve, enquanto índice de uma história mental, tanto aos desígnios da história das mentalidades, hoje tão em voga, quanto aos propósitos de pesquisa da literatura comparada, que encontra igualmente grande receptividade entre os estudiosos de literatura da atualidade. No olhar sensível desse leitor *sui generis* se reflete, com efeito, a confluência de várias literaturas modernas em conjunção com o passado e o presente literário brasileiro, de modo que através dos movimentos desse espírito singular por entre autores, obras e fatos literários variados se pode acompanhar o processo mais amplo de constituição da experiência histórica de seu tempo, além do registro do fato literário propriamente dito.

Se o leitor atual deixar de lado a preocupação de nele encontrar sugestões de método ou o tratamento rigoroso de problemas criticamente formulados, acabará por descobrir em seus artigos e estudos a vasta matéria de uma espécie de narrador (de um cronista de época) da vida literária, que pode, ela sim, constituir-se como problema e objeto de pesquisa, de diversas perspectivas.

Creio, portanto, que o que se pode revalorizar na obra de Brito Broca é, por assim dizer, a experiência do leitor que sabe contar, num determinado momento histórico, o que leu nos livros, nos homens que os escreveram e no mundo que os cercava. Em sua prosa despretensiosa, há um certo fascínio do narrador que muito encantava Alexandre Eulalio, atento também para o modo como aquele erudito auto-didata passava a vastíssima informação que foi acumulando ao longo de anos ininterruptos de leitura.

Nesse sentido, é curioso compará-lo ao Borges comentarista da vida literária e resenhista dos livros do momento, ao fazedor de vinhetas lapidares sobre a biografia de escritores, ao Borges do **Textos cautivos**, que na década de 30, passou em revista uma verdadeira biblioteca ambulante nas páginas de uma espécie de **Vida Doméstica** portenha como era **El Hogar**.³ Guardadas as proporções quanto às qualidades de estilo e a originalidade de espírito que distinguem o argentino, cuja força de grande escritor reponta mesmo em escritos menores, a matéria de que se trata nos **Americanos** de Brito Broca, na década de 40, é muito parecida com aquela de Borges na revista da década anterior, assim como o tratamento geral que a ela deu nosso cronista, enquanto forma narrativa.

Pode ser bem interessante e ilustrativo, por exemplo, comparar a leitura que ambos fizeram e relatam de um mesmo romance colombiano, o **Maria**, de Jorge Isaacs, por vezes considerado ilegível e descabelado por excessos românticos, mas defendido pelos dois pelo senso da contenção, responsável, para o brasileiro, pela

dimensão realista do livro na observação dos costumes e da paisagem (que o aproximariam nisto a certos românticos nossos, como o Taunay de **Inocência**), e para o outro, por muitos acertos surpreendentes, desde a cor local e o gosto homérico das coisas materiais, até certas frases memoráveis de sua prosa. Aproxima-os ainda claramente a utilização de elementos biográficos para a explicação de qualidades do romance e para o traçado do retrato do autor, que acabam delineando junto com a história que contam de sua leitura. No estilo solto e jornalístico de Brito Broca, o leitor vai alinhavando o que lhe passa diante da mira, sem deixar de acertar muitas vezes em alvos imprevisíveis com leve ironia; no estilo de precisa elegância de Borges, o leitor trabalha por recortes irônicos, elipses e alusões e por vezes resume seu argumento em frases-síntese e paradoxais de assombroso efeito. Mas ambos compartilham o gosto do relato como forma de expor a leitura e, nesse sentido, a observação irônica de Borges sobre o caráter perfeitamente legível de **Maria**, é exemplar: a prova de que o livro é legível é que o leu, "sin dolor", "ontem, no dia vinte e quatro de abril de 1937, das duas e quinze da tarde às dez para as nove da noite".

Talvez seja possível generalizar um pouco esse ponto de encontro no sentido do aproveitamento de uma matéria já em si literária como objeto da narrativa, movida pelo ato da leitura. É como se para ambos os escritores, o ato de narrar não se fizesse quase nunca por uma transcrição direta da experiência pessoal ou da realidade próxima, mas antes por um comentário narrativo do que já se achava nos livros de outros autores, na vida ou na tradição literárias. A idéia de que a literatura nasce sobretudo de outros textos ou, de forma abissal, dela mesma, na dependência do modo de ler, noção hoje tão divulgada e para cuja afirmação Borges tanto contribuiu, se encontra de algum modo implícita e difusa nesse narrador brasileiro de fatos literários, que passou a vida glosando a matéria inesgotável de suas leituras.

Em ambos ressalta o gosto pela silhueta dos grandes criadores em escorço brevíssimo e por vezes sardônico, pela forma simples e curta da anedota literária, pela citação que surpreende um caráter, pelo cacoete que revela um estilo ou uma personalidade literária, por um senso de dramatização da matéria biográfica dos autores em que se infiltra por vezes o conteúdo das obras que os tornaram famosos. Uma curiosidade vivíssima, enfim, por tudo quanto diz respeito à literatura no sentido mais lato, do pequeno ao grande evento.

Esse é em linhas gerais e esquemáticas, por assim dizer, o chão comum que os aproxima. Mas esse chão se converte em matéria de exercícios admiráveis de estilo, agudezas e desplantes humorísticos para a narrativa de Borges, que então dá forma a uma espécie de tradução da leitura naquela direção explícita que faz da literatura uma relação entre textos. E, no caso de Brito Broca, se converte na substância mesma de sua crônica literária, que brota da mesma fonte, mas se limita a distendê-la em relatos vicários. Aqui se destaca, portanto, não apenas a diferença literariamente qualitativa que os separa e que é decerto evidente, mas a curiosa diferença de relação com uma matéria semelhante, tomada ao contexto literário comum em que operam, diferença que poderia fazer do cronista uma espécie de antecessor de Borges nas páginas de *El Hogar*, se me fosse permitido um anacronismo ao gosto borgiano. Curiosamente, se os autores norte-americanos de que trata Brito Broca coincidem por vezes com alguns daqueles a que sempre volta Borges (como Whitman, Mark Twain, Poe, Emerson ou Eliot), os hispano-americanos que o cronista brasileiro se empenha em divulgar entre nós, a partir de 1941 - Sarmiento, Hudson, Quiroga, Gálvez, Mallea, Güiraldes, Benito Lynch ou Roberto Payró, por exemplo - constituem precisamente o contexto literário pré-borgiano, ou seja,

aquele universo literário que o escritor argentino relê em outra chave e, por esse movimento da leitura, transforma em outra coisa.

Já procurei mostrar, noutra ocasião, como essa operação praticada por Borges através da releitura do contexto acaba por implicar modos de ler o próprio processo histórico subjacente, do qual aparentemente ele nos distancia por seu lado mais vistoso de jogo intelectual entre os textos.⁴ A aproximação de Brito Broca, nos termos do leitor do mesmo contexto, com as diferenças características de sua empresa específica de estudioso e divulgador da literatura hispano-americana em nosso meio, pode trazer igualmente à discussão aspectos importantes do processo histórico envolvido em sua crônica de época, sem que o crítico revele propriamente consciência clara e adequada desse processo e da própria articulação das obras, autores e público num sistema literário coerente. Exatamente o que explica por que o brasileiro não podia compreender de todo a própria posição de Borges e a relação deste com a tradição argentina.

Borges relê a tradição para situar-se, em grande parte por oposição a ela, embora também a absorva em profundidade, em outro plano, a partir do qual sua obra ao mesmo tempo incorpora, critica e supera a tradição herdada. A leitura de Brito Broca indicia a percepção da tradição literária hispano-americana em geral, enquanto conjunto de manifestações isoladas de autores, de valor desigual, às vezes equiparados equivocadamente, e por isso mesmo distingue pouco a verdadeira situação de Borges nesse contexto e é incapaz de um reconhecimento crítico adequado do grande escritor e de sua real posição diante da tradição de onde surge.

Assim, a mera visão esquemática da relação de Brito Broca com Borges demonstra, para além das determinações do talento individual, as injunções condicionadas pelo processo histórico mais geral na percepção e reconhecimento dos valores literários e do próprio processo da tradição a que ambos estão referidos. Os depoimentos de críticos e outros autores do sul que introduz em sua crônica revelam que os mesmos tampouco tinham uma visão clara do processo brasileiro, de que apenas percebem também manifestações isoladas, com turvação na distinção dos valores individuais. Este jogo de equívocos e incompreensões, espécie de conversa truncada entre seres desgarrados de sua realidade própria - conversa de fantasmas - depende decerto do movimento desigual, condicionado pelo processo histórico no sentido lato, que a todos obriga aos atrasos e avanços que repercutem na consciência inadequada do sistema literário como um todo, dispondo-os quando muito a lampejos parciais e aos erros comuns de avaliação sempre recorrentes.

Creio que isto basta para se comprovar que se pode e se deve reler Brito Broca. Para trazer-lhes estas poucas palavras, foi o que fiz nos últimos dias. Sem dor, mas com saudades - devo confessá-lo -, pois era o que eu havia prometido a Alexandre, muito tempo atrás.

NOTAS

1. Cf. "Prefácio" de Alexandre Eulalio a: **Brito Broca-Românticos, pré-românticos, ultra-românticos**. S. Paulo, Polis/INL/MEC (1979) pp. 12-14.
2. Na verdade, não apenas por Borges, mas também por Bioy Casares e Silvina Ocampo, que na **Antologia de la literatura fantástica**, que fizeram em colaboração em 1940, deram a conhecer a narrativa de George Loring Frost, tirada de sua **Memorabilia**: "Ao cair da tarde, dois desconhecidos se encontram nos escuros corredores de uma galeria de quadros. Com um ligeiro calafrio, um deles disse:
- Este lugar é sinistro. O senhor crê em fantasmas?
- Eu, não - respondeu o outro -. E o senhor?
- Eu, sim - disse o primeiro. E desapareceu.

3. Jorge Luis Borges - **Textos cautivos. Ensayos y reseñas en "El Hogar"**. Ed. por E. Sacerio-Gari e E. Rodríguez Monegal. Barcelona, Tusquets Editores (1986).
4. Ver "Da fama e da infâmia (Borges no contexto literário latino-americano)". Em: **Enigma e comentário. Ensaio sobre literatura e experiência**. S. Paulo, Companhia das Letras (1987) pp. 193-226.